

A Vinculação Parental e Amorosa em Adolescentes: O Papel da Competência Interpessoal e da Tomada de Perspectiva¹

Raquel Assunção¹ & Paula Mena Matos¹

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Este trabalho procurou investigar a existência de variáveis mediadoras entre a vinculação parental e a amorosa, nomeadamente a competência interpessoal e a tomada de perspectiva. A amostra consiste em 322 adolescentes e jovens adultos, com idades entre os 16 e os 25 anos ($M = 18.0$ $DP = .48$). Foram administrados o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Matos & Costa, 2001), o *Questionário de Vinculação Amorosa* (Matos & Costa, 2001), o *Questionário de Competência Interpessoal* (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988) e a dimensão tomada de perspectiva do *Índice de Reactividade Interpessoal* (Davis, 1983). Os instrumentos apresentaram qualidades psicométricas adequadas. Os resultados sugerem que no seio da relação parental poderão ser adquiridas competências interpessoais, com relevância para a capacidade de fornecer suporte emocional, e competências de tomada de perspectiva, que contribuem para a qualidade da vinculação amorosa.

Palavras-chave: Vinculação parental, Vinculação amorosa, Adolescência, Competência Interpessoal, Tomada de perspectiva

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretende-se contribuir para a compreensão das dinâmicas da relação entre pais e filhos adolescentes, e do modo como a qualidade da vinculação parental pode ser propícia ao desenvolvimento de competências sócio-emocionais com relevância para o desenvolvimento psicossocial do adolescente. Tomam-se em linha de conta as competências interpessoais e as competências de tomada de perspectiva, por serem consideradas de extrema importância no desenvolvimento dos adolescentes, e no estabelecimento de relações com pares e parceiros românticos.

Bowlby (1969) refere que a predisposição para formar relações de vinculação existe ao longo de toda a vida e não apenas na relação parental, que é a forma primordial de vinculação. Segundo o autor (Bowlby, 1969), as experiências precoces de vinculação são internalizadas como modelos internos dinâmicos que servem de protótipo para relações futuras com outros significativos. Estes modelos reúnem um

¹ Trabalho realizado no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da primeira autora sob a orientação da segunda autora.

conjunto de conhecimentos, expectativas e representações sobre a figura de vinculação (acessibilidade e responsividade) e sobre o *self* (reconhecimento do seu valor pessoal e capacidade de influenciar a figura de vinculação). A teoria da vinculação refere que a vinculação parental pode afectar outras relações dos adolescentes, tais como as relações românticas e as amizades íntimas (Bowlby, 1969).

Na adolescência, as relações românticas, em fases iniciais, são sobretudo caracterizadas por níveis elevados de afiliação, que se traduzem na procura de proximidade física, na partilha de actividades e no companheirismo (Adams, Laursen & Wilder, 2001; Connolly & Goldberg, 1999; Feiring, 1996; Laursen & Williams, 1997; Shulman & Scharf, 2000). Mais tarde, com o aumento da idade, verifica-se uma tendência para a procura de proximidade emocional, manifestada através da interdependência, da reciprocidade, e da diversidade de actividades que ocorrem entre os parceiros bem como através de interacção social diária (Adams et al., 2001). Com o tempo, a manutenção de um laço é experienciada como uma fonte de segurança e a sua constante renovação como fonte de alegria (Simpson, Collins, Tran, & Haydon, 2007). Diversos estudos empíricos apontam para associações entre as relações românticas na adolescência e múltiplos aspectos do desenvolvimento individual, como formar uma identidade pessoal, adaptar-se às mudanças nas relações familiares, envolver-se em relações harmoniosas com pares, ter sucesso escolar e desenvolver a sua maturidade sexual (Collins, Welsh, & Furman, 2009, para uma revisão).

No que toca à articulação entre os domínios relacionais, verificou-se que adolescentes com vinculações mais seguras aos pais se mostraram mais capazes de desenvolver competências sociais adequadas, necessárias à iniciação e manutenção de relações próximas, satisfatórias e recíprocas com amigos e parceiros românticos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Por sua vez, adolescentes com vinculações mais inseguras aos pais apresentaram mais dificuldades de interacção social, sendo menos capazes de iniciar e estabelecer amizades e de resolver satisfatoriamente os conflitos interpessoais (Kanning, 2006; Mallinckrodt, 2000). É esperado que estas competências afectem consequentemente a vinculação amorosa, uma vez que alguns investigadores que estudaram várias formas de competência interpessoal reconheceram a sua importância no sucesso dos adolescentes nas relações românticas (Twentyman, Boland, & McFall, 1981).

Por sua vez, a tomada de perspectiva é, neste estudo, tida em conta como sendo a capacidade de se colocar no lugar do outro, um conceito que de resto vai de encontro ao conceito de empatia, habitualmente empregue na clínica psicológica, assumida como sendo a capacidade de se colocar nos “sapatos do cliente” (Rogers, 1975). Uma vez que a capacidade de fornecer uma base segura para os outros é, pelo menos em parte, dependente da capacidade de reconhecer as necessidades do outro, os indivíduos com uma vinculação segura deveriam ser mais empáticos do que os indivíduos com uma vinculação insegura (Britton & Fuendeling, 2005). Estudos realizados sugerem que relações seguras com os pais podem potenciar um clima favorável ao desenvolvimento de competências de empatia e reciprocidade (Joireman, Needham, & Cummings, 2001; Laible, Carlo & Roesch, 2004)

O presente estudo empírico tem assim dois grandes objectivos: (a) averiguar as associações entre a vinculação parental e a romântica numa amostra de adolescentes e jovens adultos, procurando testar em que medida as competências sociais e a tomada de perspectiva poderão mediar esta relação; e (b) observar diferenças nas variáveis em estudo em função de características socio-demográficas consideradas relevantes, sendo estas o sexo, a idade e a duração da relação. Espera-se que a qualidade da vinculação aos pais esteja associada a dimensões da vinculação romântica nos adolescentes e jovens. Mais especificamente, é esperado que uma vinculação segura aos pais, uma relação que permita a exploração e o desenvolvimento da individualidade dos jovens, potencie a aquisição de competências interpessoais e de tomada de perspectiva dos adolescentes. Espera-se também que a aquisição de competências interpessoais e de tomada de perspectiva por parte dos jovens esteja associada à qualidade da relação romântica. Deste modo, é esperado que algumas das variáveis incluídas no constructo multidimensional das competências interpessoais e a tomada de perspectiva operem a ligação entre ambos os contextos. Finalmente, espera-se ainda observar diferenças em algumas variáveis em estudo em função de características socio-demográficas.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

A amostra é constituída por 211 (65.5%) participantes do sexo feminino e 111 (34.5%) do sexo masculino, sendo que 272 (84.5%) jovens frequentam o ensino secundário e 19 (15.2%) o ensino universitário. A idade varia entre os 16 anos e os 25

anos ($M = 18.00$, $DP = 1.58$). Quanto a dados relativos às relações românticas, 149 (46.3%) jovens vivem actualmente uma relação romântica, 128 (39.8%) não têm namorado mais já tiveram no passado, 28 (8.7%) jovens nunca namoraram mas “têm curtido” e 17 (5.3%) jovens nunca viveram uma relação romântica. No que diz respeito à duração da relação, 100 (31.1%) jovens têm uma relação romântica que dura há menos de meio ano, 112 (34.3%) jovens têm uma relação romântica que dura entre 6 meses e 2 anos, e 38 (11.8%) jovens namoram há mais de 2 anos, havendo ainda alguns participantes que não assinalaram a duração da relação. Os jovens encontram-se bastante satisfeitos com as suas relações românticas, sendo que numa escala de Likert que varia entre 1 e 7, os seus resultados se situam acima do valor médio da escala ($M = 5.3$, $DP = 1.51$).

2.2 Instrumentos

O questionário sócio-demográfico é composto por informações relativas à idade, sexo, escolaridade, nível socioeconómico, com quem vive o adolescente, se o adolescente tem ou não uma relação e em caso afirmativo há quanto tempo, se não vive, se já viveu alguma relação romântica significativa e quanto tempo durou, o estado civil dos pais e a escolaridade.

Questionário da Vinculação Amorosa (QVA, Matos & Costa, 2001). O QVA é um questionário de auto-relato inspirado nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby e Ainsworth e na proposta de avaliação da vinculação de Bartholomew. Neste estudo foi utilizada a versão reduzida, composta por 25 itens que se dividem em quatro factores, sendo eles a *Confiança* (6 itens), a *Dependência* (6 itens), o *Evitamento* (6 itens) e a *Ambivalência* (7 itens). A resposta é feita numa escala tipo Likert de 6 pontos desde o *discordo totalmente* até ao *concordo totalmente*. O instrumento tem apresentado índices adequados de consistência interna em diversas amostras independentes (Matos, Barbosa, & Costa, 2001; Rocha, 2008; Santos & Matos, 2007), que se situam na faixa etária pretendida no presente estudo. Neste estudo foram igualmente encontrados índices de consistência interna adequados nas quatro dimensões: *Confiança* ($\alpha = .86$), *Dependência* ($\alpha = .78$), *Evitamento* ($\alpha = .81$) e *Ambivalência* ($\alpha = .79$).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001). O QVPM é um questionário de auto-relato construído para medir as representações de adolescentes e jovens adultos acerca das relações de vinculação parental, construído

com base nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby e Ainsworth e no modelo de avaliação da vinculação de Bartholomew. É composto por 30 itens que se dividem em três subescalas, sendo elas a *Inibição da Exploração e Individualidade* (10 itens), a *Qualidade do Laço Emocional* (10 itens) e *Ansiedade de Separação* (10 itens). A resposta é feita numa escala tipo Likert de 6 pontos desde o *discordo totalmente* até ao *concordo totalmente*. O instrumento tem revelado índices adequados de consistência interna para as três dimensões. Para além disso, tem apresentado associações teoricamente previsíveis com diferentes constructos, apoiando a validade de constructo (ver Matos & Costa, 2004 para uma revisão). Neste estudo, foram encontradas bons índices de consistência interna nas três dimensões, para a versão do pai e da mãe, respectivamente: *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha = .84$ e $\alpha = .85$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha = .94$ e $\alpha = .91$) e *Ansiedade de Separação* ($\alpha = .86$ e $\alpha = .82$).

Questionário de Competência Interpessoal (QCI, Buhrmester, Furman, Wiitenberg, & Reis, 1988). O QCI procura avaliar a competência interpessoal. Trata-se de um questionário de auto-relato composto por 40 itens e organizado em cinco dimensões, sendo eles *Iniciar Relações* (8 itens), *Asserções Negativas* (8 itens), *Revelação Pessoal* (8 itens), *Suporte Emocional* (8 itens) e *Gestão de Conflitos* (8 itens). A resposta é dada numa escala de 5 pontos de Levenson e Gottman (1978), sendo que os indivíduos deverão indicar o grau de competência e conforto ao lidar com determinadas situações. O instrumento já foi usado em vários estudos internacionais (eg. Kannig, 2006; Schneider, & Younger, 1996), tendo apresentado índices adequados de consistência interna. (α entre .72 e .84).

O instrumento foi traduzido e adaptado neste estudo para a língua portuguesa, tendo sido analisada a equivalência linguística e psicológica dos itens por via de discussão em grupo de estudantes de mestrado em Psicologia. Finalmente, e na sequência de um procedimento de reflexão falada com 8 participantes da faixa etária do presente estudo foram feitas alguns ajustamentos ao instrumento, tornando os itens o mais claros possível, e garantindo que os itens se relacionavam com aquilo que pretendíamos medir.

Após a aplicação, foi realizada uma análise factorial em componentes principais, com rotação varimax, pedindo uma organização em cinco factores. Durante o processo de validação factorial, optámos por retirar alguns itens factorialmente complexos do

instrumento, designadamente três itens da dimensão *Revelação Pessoal*, dois da dimensão *Gestão de Conflitos* e um item da dimensão *Suporte Emocional*. A estrutura factorial final é composta por 34 itens, distribuídos pelos cinco factores de acordo com a estrutura original, explicando 45.9 % da variância total. Os índices de consistência interna são na globalidade adequados, apresentando porém duas dimensões valores abaixo de .70: *Iniciar Relações* (8 itens, $\alpha = .80$), *Asserções Negativas* (8 itens, $\alpha = .78$), *Revelação Pessoal* (5 itens, $\alpha = .64$), *Suporte Emocional* (7 itens, $\alpha = .85$) e *Gestão de Conflitos* (6 itens, $\alpha = .69$).

Índice de Reactividade Interpessoal (IRI, Davis, 1983). O IRI é um questionário de auto-relato construído para medir a empatia. O instrumento é composto por 4 dimensões, sendo elas a preocupação empática, a fantasia e o stress pessoal e a tomada de perspectiva. No presente estudo foi utilizada apenas a escala da Tomada de Perspectiva constituída por 7 itens e de resposta tipo Likert semelhante à usada nos questionários de vinculação. Neste estudo, o índice de consistência encontrado foi satisfatório ($\alpha = .74$).

2.3 Procedimentos

O protocolo construído foi administrado em duas escolas secundárias do norte do país a alunos do 12º ano de escolaridade, e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O preenchimento do questionário foi voluntário e anónimo, efectuado em grupo turma, e os indivíduos tiveram a possibilidade de retirar dúvidas e de desistirem do preenchimento se assim o desejassem. Existiam duas versões do protocolo, alternando a ordem de apresentação dos questionários, para assim se poder contrariar o efeito de ordem e de cansaço no preenchimento. De notar que, para as análises correlacionais e diferenciais realizadas, não foram tidos em conta os participantes que nunca viveram uma relação romântica.

3. RESULTADOS

3.1- Análises Diferenciais em função do sexo, idade e duração da relação

No que diz respeito ao Questionário de Vinculação Amorosa, encontrámos diferenças relativamente ao sexo $F(4, 274) = 7.29, p < .001, \eta^2 = .10$) nas dimensões *Confiança* ($F(1, 277) = 6.6, p < .05, \eta^2 = .02$), *Dependência* ($F(1, 277) = .76, p < .05, \eta^2 = .02$) e *Evitamento* ($F(1, 277) = 4.32, p < .05, \eta^2 = .01$). As raparigas ($M = 4.75, DP =$

.98) apresentam valores superiores de confiança comparativamente com os rapazes ($M = 4.50$, $DP = 1.05$). Por sua vez, os rapazes apresentam valores superiores de dependência ($M = 3.46$, $DP = 1.0$) relativamente às raparigas ($M = 3.13$, $DP = 1.2$). Procurámos analisar até que ponto esta última diferença, menos esperada, poderia estar relacionada com outros factores, como a idade, a duração da relação romântica e a satisfação com esta mesma relação. Verificámos então que os rapazes ($M = 17.5$, $DP = 1.1$) são significativamente mais novos que as raparigas ($M = 18.2$, $DP = 1.7$) e que os rapazes ($M = 12.6$, $DP = 13.3$) têm relações tão longas como elas ($M = 17.2$, $DP = 19.4$), o que implica que as tenham iniciado mais cedo, estando igualmente satisfeitos com estas relações ($F(1, 290) = .10$, $p = .75$). No entanto, refira-se que no que diz respeito ao valor absoluto da média, verificamos que tanto as respostas das raparigas como as dos rapazes se encontram no pólo da discordância com as afirmações que integram a dimensão da *Dependência*. Por outro lado, note-se que a magnitude da diferença é baixa. Relativamente à dimensão *Evitamento*, observámos que os rapazes ($M = 2.68$, $DP = 1.16$) são significativamente mais evitantes que as raparigas ($M = 2.41$, $DP = .93$).

Em relação ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, no que diz respeito à idade, observámos diferenças significativas nas dimensões do QVPM ($F(6, 271) = 2.72$, $p = .01$, $\eta^2 = .06$), evidenciadas nas dimensões *IEI* na relação com a mãe ($F(1, 276) = 7.34$, $p < .01$, $\eta^2 = .03$), *IEI* na relação com o pai ($F(1, 276) = 7.92$, $p < .01$, $\eta^2 = .03$) e *AS* ao pai ($F(1, 276) = 4.37$, $p < .05$, $\eta^2 = .02$). Jovens com idades até aos 18 anos de idade ($M = 3.27$, $DP = .99$) percepcionam uma maior inibição da exploração e individualidade por parte da mãe do que os jovens com mais de 18 anos ($M = 2.89$, $DP = 1.06$). O mesmo acontece na relação com o pai, sendo que os participantes mais novos também percepcionam uma maior inibição da exploração e da individualidade ($M = 3.18$, $DP = 1.05$) comparativamente com os mais velhos ($M = 2.77$, $DP = 1.08$). Relativamente à dimensão *AS pai*, os jovens até aos 18 anos ($M = 3.62$, $DP = 1.01$) apresentam maiores níveis de ansiedade de separação relativamente à figura do pai do que os jovens com mais de 18 anos ($M = 3.33$, $DP = .97$).

No que concerne à duração da relação (introduzindo a idade como co-variante), verificamos que há diferenças significativas comparando os três grupos acima descritos ($F(12, 444) = 1.83$, $p < .05$, $\eta^2 = .05$), na dimensão *AS pai* ($F(2, 229) = 5.93$, $p < .01$, $\eta^2 = .05$). Jovens com relações românticas com menos de 6 meses de duração ($M = 3.64$,

DP = .11) percebem maiores níveis de ansiedade de separação ao pai, relativamente aos jovens com relacionamentos de duração superior a 2 anos ($M = 3.0$, $DP = .17$), bem como os jovens com uma relação romântica que dura entre 6 e 24 meses ($M = 3.60$, $DP = 3.40$), que também se percebem como mais ansiosos face à separação da figura do pai, do que o grupo com relações mais longas.

Relativamente ao Questionário da Competência Interpessoal, foram encontradas diferenças significativas em função do sexo ($F(5, 585) = 10.84$, $p < .001$, $\eta^2 = .16$), nas variáveis *Iniciar Relações* ($F(1, 289) = 21.82$, $p < .001$, $\eta^2 = .07$) e *Suporte Emocional* ($F(1, 289) = 12.46$, $p < .001$, $\eta^2 = .04$). Assim, os rapazes ($M = 3.30$, $DP = .05$) apresentam resultados mais elevados no iniciar relações do que as raparigas ($M = 2.92$, $DP = .07$). Por sua vez as raparigas ($M = 4.27$, $DP = .04$) apresentam valores mais elevados no fornecimento de suporte emocional do que os rapazes ($M = 4.02$, $DP = .06$). No que diz respeito à variável idade, encontramos também diferenças significativas ($F(5, 285) = 3.0$, $p < .05$, $\eta^2 = .05$), na *Gestão de Conflitos* ($F(1, 289) = 9.45$, $p < .01$, $\eta^2 = .03$), sendo que os jovens com mais de 18 anos de idade ($M = 3.72$, $DP = .56$) se percebem como gerindo melhor os conflitos do que os jovens com menos de 18 anos de idade ($M = 3.47$, $DP = .61$).

Analisando por fim as diferenças no que diz respeito à tomada de perspectiva, não foram observadas diferenças significativas em função do sexo. Já no que concerne à idade, encontramos diferenças significativas na dimensão *Tomada de Perspectiva* ($F(1, 303) = 10.87$, $p < .01$, $\eta^2 = .03$), sendo que os jovens com mais de 18 anos de idade ($M = 3.63$, $DP = .61$) apresentam valores mais elevados do que os jovens com menos de 18 anos de idade ($M = 3.36$, $DP = .62$).

3.2. Análises Correlacionais

No que concerne às correlações entre QVA e QVMP, foram encontradas correlações negativas significativas entre a dimensão *Confiança* do QVA e as dimensões *IEI pai* ($r = -.13$, $p < .05$) e *AS pai* ($r = -.12$, $p < .05$) do QVM. Existem também correlações significativas entre a dimensão *Ambivalência* do QVA e as dimensões *IEI pai* ($r = .26$, $p < .01$), *IEI mãe* ($r = .18$, $p < .01$), *QLE mãe* ($r = -.12$, $p < .05$), *AS mãe* ($r = .14$, $p < .05$) e *AS pai* ($r = -.12$, $p < .05$) do QVPM. Existem ainda correlações significativas entre a dimensão *Dependência* do QVA e as dimensões *IEI mãe* ($r = .22$, $p < .01$), *IEI pai* ($r = .17$, $p < .01$), *QLE mãe* ($r = -.14$, $p < .05$), *QLE pai* (r

= -.12, $p < .05$) e *AS mãe* ($r = .13$, $p < .05$). A realização de correlações separadamente para ambos os sexos revelou que apenas nos rapazes a correlação entre *dependência* na relação romântica e *ansiedade de separação* relativamente à figura materna é significativa ($r = .20$, $p < .05$).

Em relação às correlações entre QCI e QVPM, foram encontradas correlações positivas significativas entre a dimensão *Suporte Emocional* do QCI e as dimensões *QLE* mãe ($r = .29$, $p < .01$) e *QLE* pai ($r = .34$, $p < .01$) do QVPM. Foram também encontradas correlações positivas significativas entre a dimensão *Asserções Negativas* do QCI e as dimensões *QLE* mãe ($r = .12$, $p < .05$), *QLE* pai ($r = .15$, $p < .05$) e *AS* pai ($r = .12$, $p < .05$) do QVPM. Encontrámos ainda correlações significativas entre a dimensão *Gestão de Conflitos* do QCI e as dimensões *IEI* mãe ($r = -.12$, $p < .05$), *IEI* pai ($r = -.15$, $p < .01$), *QLE* mãe ($r = .21$, $p < .01$), *QLE* pai ($r = .25$, $p < .01$), *AS* mãe ($r = .14$, $p < .01$) e *AS* pai ($r = .17$, $p < .01$). Procurando explorar se há diferenças entre sexos, foram efectuadas novas correlações, que mostraram que a correlação entre *AS* pai e *Gestão de Conflitos* apenas se mantém significativa para as raparigas ($r = .21$, $p < .01$).

No que diz respeito às correlações entre QVPM e TP, existem correlações significativas negativas entre a dimensão *Tomada de Perspectiva* do IRI e as dimensões *IEI* mãe ($r = -.18$, $p < .01$) e *IEI* pai ($r = -.20$, $p < .001$), e correlações positivas entre a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI e as dimensões *QLE* mãe ($r = .16$, $p < .01$) e *QLE* pai ($r = .18$, $p < .01$) do QVPM.

Relativamente às correlações entre QVA e QCI, existe uma correlação positiva significativa entre a *Confiança* do QVA e o *Suporte Emocional* ($r = .23$, $p < .001$) do QCI. Existe também uma correlação negativa significativa entre a dimensão *Ambivalência* do QVA e a dimensão *Suporte Emocional* do QCI ($r = -.18$, $p < .01$).

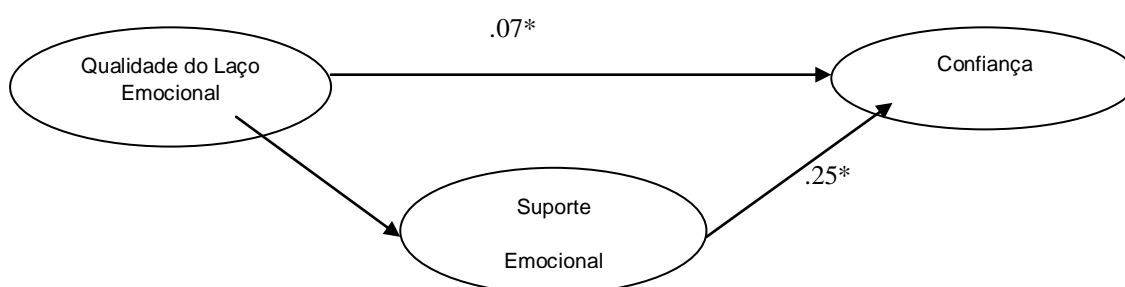
Por fim, no que concerne às correlações entre TP e QVA, encontrámos uma correlação significativa positiva entre a dimensão *Confiança* do QVA e a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI ($r = .14$, $p < .01$).

3.3. Análises de Modelos de Equações Estruturais

Após as análises de correlação, e tendo em vista alguns resultados obtidos, testaram-se dois modelos de equações estruturais (EQS 6.1, método de estimação da

máxima verosimilhança), no sentido de averiguar então a possível existência de duas variáveis mediadoras entre a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* do QVPM e a dimensão *Confiança* do QVA, sendo elas a o *Suporte Emocional* e a *Tomada de Perspectiva*.

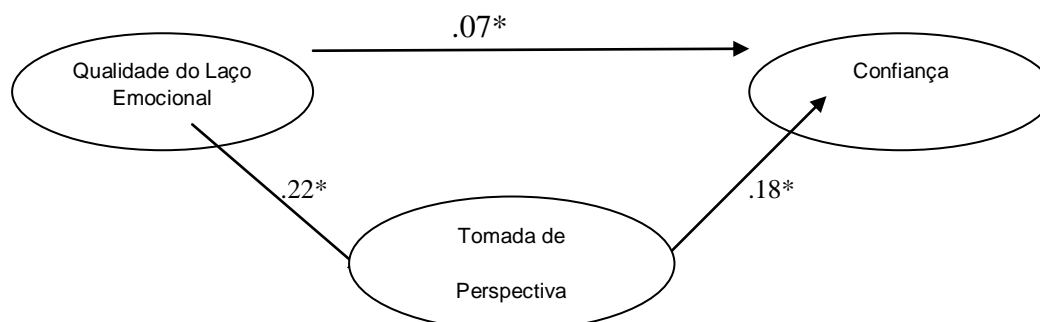
Assim, e no que diz respeito à primeira hipótese de mediação, os resultados apontam para a existência de uma relação de mediação. Num primeiro passo, foi observada uma relação directa significativa, ainda que de muito pequena magnitude, entre as dimensões *QLE* do QVPM e a *Confiança* do QVA ($r = 0.07$, $p < .05$), e que deixa de existir, quando estamos em presença da variável *Suporte Emocional*, ou seja, a relação passa a fazer-se através da variável *Suporte Emocional*, o que indica uma mediação total (cf. fig. 1). Assim, podemos dizer que a qualidade do laço emocional aos pais é preditora da competência de fornecer suporte emocional aos outros, e que, por sua vez, a competência de fornecer suporte emocional prediz o nível de confiança na relação romântica.



$X^2_{(301)} = 24.29$, $p < .05$, CFI = .99, SRMR = .083 e RMSEA = .03

Figura 1. Modelo Estrutural de Mediação entre QLE e Confiança com presença da variável Suporte Emocional

No segundo modelo testado verificámos que existe igualmente uma relação mediada entre a *QLE* do QVPM e a *Confiança* do QVA. A relação directa significativa, ainda que de muito pequena magnitude, entre as dimensões *QLE* do QVPM e a *Confiança* do QVA ($r = 0.07$, $p < .05$), deixa de existir quando estamos em presença da variável *Tomada de Perspectiva*, ou seja, a relação passa a fazer-se através da variável *Tomada de Perspectiva*, o que indica uma mediação total (cf. fig. 2). Podemos dizer que a qualidade do laço emocional aos pais é preditora da capacidade de tomar a perspectiva do outro, que, por sua vez, prediz o nível de confiança na relação romântica.



$$X^2_{(301)} = 23.67 \quad p = .17, \quad CFI = .99, \quad SRMR = .080 \quad \text{e} \quad RMSEA = .03$$

Figura 2 . Modelo Estrutural de Mediação entre QLE e Confiança com presença da variável Tomada de Perspectiva

Como é possível observar nas figuras 1 e 2, ambos os modelos apresentaram índices de ajustamento dentro dos valores críticos, designadamente o *Comparative Fit Index* (CFI) acima de .90, assim como os índices *Standardized Root Mean Square Residuals* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) com valores abaixo de .080 (Byrne, 1998).

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Começando pelos resultados diferenciais, podemos referir que foram encontrados alguns resultados esperados, e alguns em certa medida surpreendentes e acerca dos quais valerá a pena reflectir. Assim, no que diz respeito ao QVA, verificamos que as raparigas têm maior tendência para confiar quando estão envolvidas numa relação romântica e os rapazes mostraram-se simultaneamente mais dependentes e mais evitantes na vivência das suas relações. Esta maior dependência dos rapazes, ainda que a diferença seja ténue, foi de alguma forma inesperada, mas tal resultado poderá apontar para uma mudança nos estereótipos sociais masculino e feminino. De qualquer modo, importa referir que estes rapazes são em média mais novos que as raparigas, vivem relações tão longas como elas, estão igualmente satisfeitos com as suas relações e, no entanto, mostram níveis mais elevados de dependência. O nível de dependência poderá assim decorrer do facto de terem começado estas relações românticas mais novos. Por outro lado, as raparigas poderão ter sido mais defensivas a relatarem a sua dependência, eventualmente por uma necessidade de se afirmarem como independentes. De qualquer modo, os resultados também poderão sugerir que as raparigas poderão ser mais capazes de articular as necessidades de autonomia e de ligação nas suas relações românticas. De

facto, no presente estudo verificou-se que os rapazes são mais dependentes e simultaneamente mais evitantes, tal como já foi encontrado anteriormente (Matos, 2002), sendo que a confiança no companheiro romântico é mais elevada nas raparigas.

Em relação ao *QVPM*, encontrámos diferenças relativamente à idade nas dimensões *IEI* à mãe e ao pai e *AS* ao pai. Assim, os jovens até aos 18 anos de idade percebem-se como lhes sendo menos permitido explorar o mundo e a sua individualidade. Este resultado previsível vem ao encontro dos estudos que referem uma maior monitorização e controle parental em fases mais iniciais da adolescência, em que a necessidade de exploração dos adolescentes por vezes colide com a necessidade de protecção exercida ainda pelos pais. Relativamente à dimensão da ansiedade de separação, também era esperado que fossem os jovens mais novos que apresentassem maiores níveis de ansiedade de separação, na medida em que não possuem ainda uma autonomia e independência psicológicas que lhes permita regular emocionalmente as separações parentais. Este resultado articula-se com outro relativo à duração da relação romântica, em que os jovens com relações românticas que duram há mais tempo relatam menor ansiedade de separação face às figuras parentais. Na medida em que estes jovens deixaram de estar emocionalmente tão dependentes das figuras parentais, têm a possibilidade de explorar as relações de amizade e relações íntimas, tornando-se consequentemente mais autónomos das figuras parentais e menos ansiosos face à separação destas (Scharf & Mayseless, 2007). Refira-se, a este propósito que, também como esperado, são os jovens mais velhos que obtêm valores mais elevados na *Tomada de Perspectiva*.

No que toca às competências interpessoais, verificamos que os rapazes apresentam valores superiores no iniciar relações e as raparigas no fornecer suporte emocional. Tais dados vão de encontro aos estereótipos sociais para os papéis feminino e masculino e têm sido observados aquando do uso deste questionário (Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988). Provavelmente tal facto acontecerá quando falamos de pessoas do sexo oposto, e eventualmente poderá não acontecer quando falamos de indivíduos do mesmo sexo. As raparigas são efectivamente ligadas a uma imagem de suporte emocional sendo que não quer dizer que os rapazes não forneçam suporte social, mas é socialmente menos bem visto que se identifiquem com essa imagem. Nestes itens os rapazes poderão ter respondido de acordo com o que seria esperado de um rapaz e não eventualmente de acordo com a sua realidade. Em relação à variável idade,

encontramos diferenças na dimensão *Gestão de Conflitos*, sendo os mais velhos os que se percebem como melhores gestores de conflitos, o que de resto sugere que com a idade os jovens poderão adquirir mais competências de gestão de conflitos.

As análises correlacionais apontam para associações significativas entre os domínios relacionais, embora a magnitude das associações tenda a ser baixa, o que poderá evidenciar a importância da qualidade de outros contextos relacionais, designadamente dos pares, na predição de dimensões da qualidade da relação romântica. De qualquer modo, a direcção das correlações apresenta-se no sentido esperado teoricamente.

Discutindo agora os resultados dos modelos de equações estruturais testados, estes sustentaram a existência de uma mediação efectiva entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, que se fará através do suporte emocional, o que vem de encontro aos dados de outros estudos analisados, que encontraram que os jovens, que possuem uma relação segura com os pais, terão mais competências sociais (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001).

Encontrámos também uma relação mediada entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, feito através da variável *Tomada de Perspectiva*, o que sugere que de facto há relações entre a vinculação parental e amorosa que podem fazer-se através de outras variáveis. É interessante verificar que das variáveis em estudo, é a variável *Tomada de Perspectiva*, que parece estabelecer as relações entre outras variáveis, o que denota que efectivamente o interesse desta variável neste domínio, e de estudar as variáveis relacionadas ao constructo da empatia.

5. CONCLUSÕES

Podemos dizer que os resultados encontrados neste estudo apontam para uma associação significativa entre a vinculação parental e algumas competências interpessoais e a tomada de perspectiva, e, por sua vez, existem também associações entre estas mesmas competências e a vinculação ao par romântico. Os resultados sugerem que, tal como postulado, poderão existir variáveis mediadoras nesta relação, mais especificamente, o suporte emocional e a tomada de perspectiva, que poderão dar indicações sobre os processos que operam as ligações entre os dois domínios relacionais.

De qualquer modo, tratando-se de um estudo ainda com cariz exploratório, importa referir algumas limitações. A amostra deveria ser mais equilibrada no que diz

respeito ao sexo, idade e escolaridade. O conceito de mediação não foi, igualmente, explorado na sua plenitude, tendo sido realizadas apenas algumas análises preliminares. Futuras investigações deverão debruçar-se também sobre o papel dos pares na aquisição das competências interpessoais e de tomada de perspectiva. Será também relevante estudar a possível existência de outras variáveis mediadoras nesta relação entre vinculação parental e vinculação amorosa na adolescência. Consideramos que a inteligência emocional poderá desempenhar um papel relevante na medida em que as orientações de vinculação incorporam regras cognitivas e afectivas e estratégias que guiam e regulam as experiências emocionais dos indivíduos nas relações.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Raquel Assunção
Rua Senhor do Andor, Lote 4, 5070-059 Alijó
lpsi04087@fpce.up.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. New York: Basic Books
- Britton, P., & Fuendeling, J. (2005). The relations among varieties of adult attachment and the components of empathy. *The Journal of Social Psychology, 145*, 519-530.
- Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 6*, 991-1008.
- Collins, W., Welsh, D., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology, 60*, 631-652.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology, 44*, 113-126.
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 428-439.
- Joireman, J., Needham, T., & Cummings, A. (2001). Relationships between dimensions of attachment and empathy. *North American Journal of Psychology, 3*, 63-80.

- Kanning, U. (2006). Development and validation of a german-language version of the interpersonal competence questionnaire (ICQ). *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 43-51.
- Laible, D., Carlo, G., & Roesch, S. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Journal of Adolescence*, 27, 703-716.
- Mallinckrodt, B. (2000). Attachment, social competencies, social support and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 10, 239-266.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*: Faculdade de Psicologia, Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2004). *Assessing attachment representations in adolescence: The Father/Mother Attachment Questionnaire*: Paper presented in the 9th Conference of EARA, Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Rogers, C. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist*, 5, No. 2-10.
- Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: a new look at developmental processes of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 117.
- Simpson, J., Collins, W., Tran, S., & Haydon, K. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: A Developmental Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 355-367.
- Schneider, B., & Younger, A. (1996). Adolescent-parent attachment and adolescents' relations with peers: A closer look. *Youth & Society*, 28, 95-108